

Geografia e História Militar



EXPEDIÇÃO MILITAR AO ALTO JURUÁ

1904

FIRMO DUTRA

O Dr. Firmo Dutra, na qualidade de última testemunha da Expedição Militar ao Alto Juruá, realizada no ano de 1904, revive nestas páginas magnificamente bem escritas, o que foi aquele patriótico empreendimento, levado a efeito apesar das inúmeras dificuldades que surgem de todos os lados naquelas longínquas paragens.

General IGNÁCIO JOSÉ VERÍSSIMO

Duas grandes comemorações trouxeram o Acre ao cartaz no ano passado: a 24 de janeiro, quando se completava o meio centenário da capitulação de Puerto Alonso e consequente proclamação, por Plácido de Castro, do Estado Independente do Acre e a 17 de novembro, data da assinatura do Tratado de Petrópolis, em 1903, pelo qual o Brasil integrava na sua área política e continental, aquela parcela do território nacional, que fôra teatro de um dos mais emocionantes episódios da história pátria.

Reavivou-se a glória do Barão do Rio Branco, o maior dos bandeirantes, que naquela oportunidade soube defender nossos direitos, ameaçados

em todos os quadrantes da Amazônia.

Este ano comemora-se também o meio centenário de duas expedições militares, quase deslembadas e cuja história se perde nos velhos arquivos do ministério da guerra, como incidentes mínimos, numa época de perturbações internacionais, como foram os anos de 1901 a 1904.

O ano de 1903 marcou o clímax do dissídio do Brasil na bacia amazônica, com os nossos vizinhos interessados nas vastas regiões discutidas por mais de meio século e nunca devidamente assinaladas e delimitadas pelos contedores. Bolívia e Peru não se conformavam com a conquista do Acre pelos

nossos bravos patrícios às ordens do caudilho gaúcho e se a primeira enfrentava as hostes brasileiras e enviava para o Território Oriental de Colônias o seu mais famoso general-estadista, Dom José Manuel Pando, o Peru aproveitando-se da situação e esgueirando-se por suas reivindicações de limites, velhas de mais de três séculos, tão magistralmente contrariadas por Euclides da Cunha no seu formidável libelo — "Peru versus Bolívia", invadia territórios pacificamente brasileiros e se instalava como senhor e conquistador.

A desavença com a Bolívia terminou com a assinatura do Tratado de Petrópolis, aclarando os horizontes de toda América e dando prova irrecusável dos sentimentos pacíficos do Brasil, que negociava, quando podia ter dominado e vencido o vizinho mais fraco e impetuoso. Esse Tratado, que é um modelo de justiça e magnanimidade, deu à Bolívia imensas possibilidades, que se traduziram na construção da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré e agora em nossos dias, na realização desse corajoso e dispendioso empreendimento — a via férrea Brasil-Bolívia — que alcança as portas de Santa Cruz de la Sierra e ao mesmo tempo vai facilitar a eclosão do petróleo e sua saída do altiplano para os portos do Atlântico.

Não ficou somente nessas duas obras, uma de imensos sacrifícios de vidas e de bens e outra como um clarão de esperanças, a formidável colaboração de Rio Branco ao resolver o mais grave problema político até então surgido para o Brasil. Na sua visão de estadista e genial modelador de nossa integral autonomia, afastou o perigo de uma soberania estrangeira no coração do continente, encampando por aquele Tratado, o Bolivian Syndicate, arma de que se servira a Bolívia para assegurar-se a posse do Acre.

Depois desse trabalho gigantesco, enfrentando interesses poderosos, pois naquela época não tínhamos noção do que seria no futuro, a política generosa e nobre do segundo Roosevelt, criando a doutrina da

boa vizinhança, voltou-se a atenção do grande ministro para o caso do Peru.

Era necessário fortalecer nossos direitos e não permitir que nenhum trato do território nacional continuasse pisado e dominado por estranhos e assim surgiram as duas expedições militares ao Alto Purús e ao alto Juruá.

Enquanto discutíamos com a Bolívia, o Peru ocupava o Rio Chanchless, no alto Purús e a foz do Amônia, um dos mais altos afluentes do Juruá e suas tropas estabeleceram-se em quartéis permanentes.

Já em novembro de 1903, Plácido de Castro se comunicara com o coronel José Ferreira de Araujo, então no seringal Liberdade, no Purús, e determinava as providências necessárias para o emprego da força contra os invasores, o que provavelmente se daria em dezembro.

Entrava o ano de 1904 com esse último pesadelo para a política continental.

O homem tutelar que o grande Presidente Rodrigues Alves fôra buscar para dirigir o Itamarati, velava para afastar essa derradeira rajada de inquietação para o Brasil.

O general Luiz Antônio de Medeiros, comandante do 1º Distrito Militar (Amazonas e Acre), recebeu instruções para organizar dois destacamentos que se deslocariam para as regiões invadidas ou ameaçadas.

Foi confiado ao major Olímpio Agobar de Oliveira, o comando do Destacamento do Purús, que levava como chefe de estado-maior o tenente João Alvares de Azevedo Costa, há pouco falecido no posto de general de exército.

A expedição do Alto Juruá teve como comandante o major Cipriano Alcides, que nomeou o então alferes aluno Firmo Dutra, que naquela época saía da Escola Militar, seu chefe dos serviços de engenharia e comunicações.

É desta Expedição que fazemos o relato.

Compunha-se ela do 15º batalhão de Infantaria, uma seção de metralhadoras, dois canhões Krupp de 75 mm e uma ambulância completa.

Forte de 225 homens, bem armada e muito bem municiada, pode-se dizer, que foi para a época, uma expedição modelar.

Enquanto o grande Destacamento Olímpio da Silveira, composto de tropas correspondentes a uma Divisão, que fôra no ano anterior ocupar o Acre, experimentara, logo às primeiras dificuldades antepostas pelas corredeiras do Purús, todos os sofrimentos da escassez de viveres e das endemias da região, as tropas do major Cipriano Alcides atingiram o alto Juruá, zona quase desconhecida, com todos os seus recursos intactos e o moral elevado. Nem fome, nem febres, e muito menos a epidemia desmoralizante das *partes de doente*, que devastou a coluna do general Olímpio.

Em meados de abril reuniram-se em Manaus os elementos que deveriam constituir a expedição do Juruá. Preparação meticulosa e racional foi determinada pelo comando do 1º Distrito Militar, que assim procedia depois das lições terríveis e mortificantes das expedições anteriores.

Tudo o que era possível fazer para manter os alimentos em bom estado e defendidos contra a humanidade, seu maior inimigo, foi empreendido. Os remédios que na época eram preconizados contra a malária, foram escolhidos com a máxima cautela. Vimos, pela primeira vez, como os italianos estavam senhores da profilaxia dessa moléstia-praga, que além de rondar com vilência os arredores de Roma, ainda lhes fôra fatal na desastrada e infeliz tentativa de conquista da Abissínia.

Conselhos especiais foram prodigalizados aos expedicionários e cada um recebeu, além da indumentária própria para a região, um chapéu de palha, um par de tamancos e uma rede com seu mosquiteiro. Se bem ainda não tivéssemos notícias da campanha iniciada por Oswaldo Cruz, o médico da força ditara instruções claras e sensatas, que deveriam produzir resultados surpreendentes.

Depois de um mês de organização, deixamos na noite de 2 de maio de 1904, a cidade maravilhosa que era naquele período histórico do *ouro negro*, essa Manaus fascinante, jóia devida ao trabalho e à visão do "Pensador", o capitão Eduardo Gonçalves Ribeiro, cujo nome há de vencer o tempo e ancorar na história do El Dorado, que fundiu em 1914 seu ouro famoso, nos erros e equívocos de uma política econômica voraz, cuja responsabilidade máxima cabe ao governo federal, que deixou anular o plano inteligente e exequível da Superintendência de Defesa da Borracha.

A bordo do Lauro Sodré, antigo e ronco vapor da Amazon River, nos vimos naquela noite estrelada e quente, em presença de chefe e companheiros que nunca antes defrontáramos. Em torno do velho maior, que trazia de todas as revoluções que tanto infelicitaram o primeiro decênio da República, honrosa tradição de bravura e inteligência, reuniu-se o estado-maior do Destacamento: capitães José Custódio da Silveira, Domingos Gomes da Rocha Argolo e Francisco de Avila e Silva; Tenente Pedro Lustosa de Araujo Costa; Alferes João Ferreira de Carvalho, João Sebastião Dias, Antônio Sebastião Ribeiro, Brígido Nunes Ferreira Pará, Antônio Padilha, Fausto Amberim de Paiva e Cândido Tomé Rodrigues; e alfares-aluno Firmo Ribeiro Dutra.

Capitão médico Fernando de Aquino Gaspar e alferes farmacêutico Manuel da Costa Monteiro da Gama Vilasboas.

À prôa do navio aboletavam-se os inferiores e sob a coberta, a tropa, toda ela treinada em expedições anteriores.

Pouco antes de embarcar, vendo as dificuldades da viagem, a extensa singradura a fazer e a carência de viveres nos altos rios, dera ordem o velho comandante para que fôsse empedida a entrada, no navio, de mulheres e filhos de soldados e inferiores, por isso que toda a oficialidade seguia solteira, pelo menos para a viagem...

O road-way da Manáus Harbour enchera-se. Eram choros, lamentos e despedidas amarguradas. Todos encaravam essa partida como um nunca mais voltar; como uma grande e quase definitiva separação.

Eu olhava para os que se comprimiam no vasto flutuante, com um misto de tristeza e alegria. Só eu partia sem ninguém que me desse um adeus de saudade ou de esperança de regresso; só eu partia com a certeza de que ali não ficava coração que por mim se enternecesse no momento em que o vapor largasse os últimos cabos.

Saído naqueles dias da Escola Militar da Praia Vermelha, a famosa escola que dera ao Brasil alguns de seus maiores cidadãos e onde Benjamin Constant criara a mística da República, pedi para servir no Amazonas, naquele instante em que a guerra esboçava a braveza de sua presença nesta parte do continente. No momento em que turma de engenheiros militares de 1904, se foi apresentar ao general Bibiano Costallat, então Chefe de Estado-Maior, que a cada um perguntava que destino desejava tomar, foi o venerando e fechado chefe assaltado de espanto quando lhe formulei meu pedido: "1º Distrito Militar — Fôrças Expedicionárias".

Era assim que me encontrava na amurada do "Lauro Sodré", no primeiro pôsto da carreira, com o orgulho de um galão que ainda não sendo de oficial, fazia fé como valor de quem o ostentava. Ser alferes-aluno era uma honra e motivo de justa satisfação. Só se conquistava o galão sotoposto à estrêla doirada, depois de muita vigília, arrancando aprovações plenas em tôdas as matérias dos dois primeiros anos do curso superior, do verdadeiro curso de engenharia, os mais ásperos, aqueles nos quais pontificavam Trompowsky, o mestre excelso; o sêco e árido Amarante, amigo de Delaunay e Alcides Bruce, o simbolista de uma química antipática e aterradora.

Pela madrugada, à luz vermelha e quente do sol, que se erguia para os lados da bahia de Boiuçú, o "Lau-

ro Sodré" lentamente deixou o flutuante e rumou rio abaixo, para dobrar a ilha de Marapatá, ilha sinistra, onde os aventureiros vindos para o Amazonas deixavam a consciência.

Dia claro abandonávamos as águas côr de vinho do Rio Negro e entes-távamos o Solimões, que ali tinha pela última vez êsse nome. Subíamos o rio Mar, perdíamos contato com a terra, que não passava de fina e longínqua nesga no horizonte.

Foi quando se deu o primeiro incidente da viagem, que devia influir, mais tarde, nos destinos da expedição.

O calor tornara-se sufocante; a imensa superfície das águas mais parecia placa sem fim de aço polido, sem mancha ou dobra mínima. O sol incidia nêsse espelho gigantesco e refrangia-se em centelhas que atingiam o navio, afogando a tudo e a todos. Mesmo na coberta o calor era intolerável; calor húmido, confuso e desmoralizante.

Então começaram a surgir dos cantos das escotilhas levantadas, carinhas trigueiras, de aspecto de gentinha fatigada e ansiosa por se livrar da prisão que representava o porão do vapor.

Logo descobrimos o que se passara: durante a noite, no vai-vem do carregamento, no tumulto das despedidas, as mulheres e crianças tinham invadido o navio e se aboletado, como esconderijo, nos rincões escusos dos porões e dos paíós e pela manhã, quando veio o sol causticante, foi impossível continuar aquela gente no forno infernal que era o bojo do "Lauro Sodré".

E ali estavam os curumis, ponta de lança com que as mulheres agiam para ver a reação do chefe e dos oficiais.

Foi uma surpresa, sobretudo para o major Alcides, que tinha proibido, terminantemente, a vinda de mulheres e crianças.

Abertos os porões e vasculhados os paíós, verificamos que estavam a bordo mais trinta e sete pessoas, que excediam os cálculos que fizéramos para alimentação da tropa em seis meses, mínimo prazo para

renovar as provisões, o que só poderíamos fazer no próximo inverno.

No primeiro instante o comandante quiz mandar aproar o vapor para a vila de Manacapuru, o primeiro pôrto do Solimões e ali deixar a carga de *penetras*. Houve intervenção da oficialidade, daqueles que em tôdas as campanhas tinham visto o auxílio moral e material daquelas criaturas sofredoras e resignadas, que nas marchas carregam os tarecos, as armas dos maridos ou companheiros.

Não havia mesmo outra solução, tínhamos que aceitar os intrusos, já que deixá-los para trás seria abalar o moral dos homens e solapar a disciplina.

Seguíamos para um destino desconhecido, para uma região semimisteriosa, onde só os formidáveis pioneiros que foram os cearenses, tinham chegado e instalado feitorias de seringais e cauchais.

Se êsse fato fôra a determinante das ordens do comando, era também uma razão para que os soldados quizessem estar com as companheiras bondosas e capazes de ajudá-los nas horas difíceis.

Depois de longas conversas com o forte chefe, ficou resolvida a continuação da viagem e conosco os passageiros até então clandestinos.

Tivemos a sensação que daquele momento em diante a atmosfera de bordo mudara; da prôa e da coberta inferior vinham risadas alegres e a viola iniciava seus ponteiros de sons em que se podiam distinguir as canções do sul ou as modinhas melancólicas e dolentes dos nordestinos.

O velho navio foi envolvido numa espécie de felicidade generalizada; sentia-se que a marcha prosseguia com mais confiança e maior fraternidade entre oficiais e soldados.

Quando nos instalamos no alto Juruá, foi que vimos o que representou de sabedoria e humanidade, a resolução definitiva do chefe da expedição.

Dias a fio subimos o Solimões, até que no sexto sol atingimos a boca do Juruá e entramos no rio, que por muitos meses nos guardaria

e que então nos oferecia tudo o que se pode imaginar de imprevisível e desconhecido.

As cartas e mapas que tínhamos, eram constituídas e definidas por informações de agrimensores e práticos, que há mais de vinte anos vinham medindo e demarcando seringais, que jamais na posse coincidiam com os documentos dos processos entregues e aprovados pela Repartição de Terras do Estado. Um seringal medido, como tendo cinco mil metros de frente sobre o rio, demandava pelo menos três horas para ser ultrapassado, o que indicava um mínimo de quatro vezes aquela extensão. Não era possível nenhuma orientação pelos dados oficiais; guiavam-nos apenas as marcações do prático do vapor: tantas horas de um pôrto a outro, de seringal a seringal, ou tantas praias para atingir tal estirão. A idéia de quilometragem ou singradura em milhas, tínhamos que sobrepor a expressão horária. E isso pouco adiantava, porque o velho vapor não tinha marcha regular ou sequer apreciável por observação direta. Variava nem só com o estado do rio, as sinuosidades dos canais, como também com a qualidade do combustível (lenha), sempre de baixo rendimento nas fornalhas.

A vida a bordo era a um tempo instável e monótona. Para todos aqueles companheiros de classe, eu não passava de um menino, que nada sabia da tarimba e não podia tomar parte nos concílios; o chefe, porém, assim não entendia e aos poucos me fui enfronhando nas instruções que recebera e na maneira pela qual esperava cumprir sua pesada e importante missão.

Dos oficiais, todos veteranos de revoltas e motins, a maioria tendo feito a guerra de Canudos e um, mesmo apontado como daqueles que enchem de horror as páginas fulgurantes do capítulo "Últimos dias", com que Euclides fecha o drama trágico e sombrio da rebelião dos jagunços, somente o capitão Avila e Silva, inteligente e bravo e o tenente Brigido Pará, tinham noção

das responsabilidades e dos fins da expedição.

O primeiro, de cultura mediana, fôra o braço direito do general Artur Oscar, em Canudos e tinha certo panache; o tenente Pará, filho da Amazônia, conhecia-lhe os mistérios, as lendas e as endemias. Era uma espécie de guia suave e observador sereno e acertado.

Com ambos procurei travar relações mais estreitas, se bem que emperradas pela superioridade de posto do primeiro e pela reserva do outro.

Mesmo assim trabalhamos em equipe; eu fazendo o levantamento do rio, tomando as distâncias pelas rotações da hélice e projetando o acampamento que devíamos instalar no ponto final de nossa marcha. Ao mesmo tempo imaginava como desembarcar os dois canhões Krupp, cuja inutilidade militar era evidente, mas que foram dados à expedição como uma espécie de espantalho, jamais visto pelos caucheros peruanos.

Aos poucos nos fomos aproximando, tornando mais fraterna a promiscuidade num navio pequeno, onde mal nos podíamos mover durante o dia.

O velho chefe, sempre impecável, mantinha a disciplina sem detalhes irritantes e sem os exageros de quem outrora usara gravata de couro. Era severo, paternal e de agradável convívio. Instruído para sua época, tinha experiência demonstrada de todas as nossas campanhas. Fizera menino, a guerra do Paraguai; lutara na Revolução Federalista de 1893 ao lado de Floriano e em Canudos foi citado pela sua bravura calma e sua conduta humana e generosa com os jagunços batidos e humilhados. Nenhum daqueles aprisionados pelo seu Destacamento, emudeceu nas cançadas cobertas de que fala o grande historiador desse motim de sertão, transformado na guerra sonhada pelos saudosistas do Trono, que agora ridiculamente fazem propaganda nas paredes dos túneis de Copacabana...

Resta citar o médico da expedição, o capitão Dr. Fernando de Aquino Gaspar. Antes de deixar Manaus, os companheiros citavam-no como dos menos indicados para cuidar e defender a saúde de centenas de homens que se dirigiam para região erma de recursos e sistematicamente assolada pelos flagelos do beri-beri e da malária.

Com o tempo e o desenrolar dos acontecimentos, esse julgamento revelou-se temerário e improcedente. Nem só durante a viagem, como mais tarde no Acampamento, onde se manifestaram alguns casos de moléstia grave, afora a irritação geral, o Dr. Aquino Gaspar mostrou-se à altura de sua missão e foi médico, amigo e verdadeiro sacerdote, nas horas amargas e derradeiras, que para alguns chegaram na lonjura e na tristeza daquele degrêdo perdido na selva pesada e silenciosa da Amazônia.

II

O RIO — UM POUCO DE SUA HISTÓRIA

O Juruá é um dos rios mais pesquisados do imenso complexo potamográfico do Inferno Verde, sem que entretanto, até então tivessem os exploradores chegado a suas verdadeiras vertentes ou mesmo aos seus mais altos formadores.

É o rio mais sinuoso do mundo e celebrado pelas suas plantas medicinais.

Em 1904 sua história de povoamento, remontava a menos de setenta anos e surgira pela procura do caucho, a mais nômade e destruidora das explorações extrativistas.

A mais remota versão assinalada de sua existência, data de 1560, quando Pedro de Orsúa e sua famosa esposa D. Inês, o teriam atingido, vindos de Jutai. A essa tradição junta-se o drama do mesmo Orsúa, perdido pelos encantos da esposa, que lhe roubou a vida e a chefia da expedição.

Depois vieram os sertanistas famosos, a começar por esse terrível Pedro Teixeira, que entre 1737 e

1739 comerciou com os *curicuris*, artistas de cerâmica, que pervagavam entre o Tefé e o Juruá.

De um salto vem a referência sensacional em 1768, do frei carmelita José de Santa Teresa Ribeiro, que afirmava a existência naquele rio, de índios anões, semelhantes aos esquimãos e cuja altura não excedia cinco palmos e uma tribu, cujos habitantes eram dotados de cauda como os símios. O bom frei José num juramento católico, consolidou sua afirmativa.

Um século depois, Gonçalves Dias registrou a fabulosa referência: "Tais eram os Goyazes ou anões, os índios da nação "Cuaná", habitantes do rio Juruá, que não passam de cinco palmos e os "Curiqueans" ou gigantes, os da nação "Ugina", com rabo de três a quatro palmos, do que davam testemunho, no tempo do ouvidor Sampaio, os índios do Juruá e resta a certidão jurada do padre carmelita frei José Santa Teresa Ribeiro, que o mesmo Sampaio diz ter conhecido".

E a lenda continuou até nossos dias, pois o Barão de Marajó, em 1895, ainda aludia à localização de tais índios ao afluente Tarauacá, chamando "Cananá" os índios anões e "Coatápuaias" ou "unginas", os de apêndice caudal. Segundo o Barão, também Castelhau repetia o mesmo em zona vizinha ao Juruá (Fonte Boa), explicando que se devia o fenômeno ao cruzamento de índia com o macaco coatá.

Por mais que inquiríssimos os seringalistas e aviadores que encontramos em nossa viagem, jamais tivemos a mínima confirmação destas lendas; ninguém tinha ouvido falar nos índios de rabo e apenas, como ouvir dizer, os mais antigos falavam na convivência de índias com macacos, especialmente os coatás e barrigudos.

Em 1857 João da Cunha Corrêa, com o auxílio de seiscentos mil réis do governo da Província, penetra o Juruá até seu longínquo afluente — Juruá-mirim, e fixa um número considerável de nações índias, com cerca de 500 habitantes.

Inicia-se então a era dos cientistas com Von Spix, que em 1861 sobe a corrente, após ter admirado, logo em sua foz, uma ave de rapina, jamais identificada em qualquer outra região do Amazonas.

Sucedê-lhe em 1866 o famoso Chandless, do qual tanto fala Euclides em sua admiração pelo intrépido Manuel Urbano, o formidável pioneiro, que guiou o inglês discreto através nem só do Juruá, como do rio divagante, que é o Purús.

O grande explorador calcula ter atingido 980 milhas do curso do Juruá e descreve suas características físicas, versando possibilidades de comunicações das duas bacias. Confirma a existência de alguns afluentes, tais como o Chiruan, o Banana Branca, o Tarauacá, o Mú e o Gregório. Toma contato com alguns coletores de plantas medicinais e procura comércio com as tribus indígenas, das quais os Nauas, que usam escudos de couro, lhe resistem à aproximação simpática.

Entre 1867 e 1870, Antônio Pereira de Sales e seu tio, Antônio Geraldo da Silva, exploram muitos seringais desde a foz até o Gregório e fundam as feitorias de Caiuá e Deixa Falar, ainda existentes e prósperas.

Tavares Bastos, o pensador estudioso e apaixonado pela Amazônia, sente-se atraído pelas belezas do rio, pelas suas lendas e pergunta se não será ele o "Mano", tão decantado, o "Amaru-Mayu", o rio serpente?

Em 1873 oficializa-se uma linha regular de navegação para o Juruá, mediante contrato do governo provincial com a Companhia Fluvial, fundada em 1853 por Irineu Evangelista de Souza, Barão de Mauá, que levava sua febre patriótica até os rios ainda misteriosos da Amazônia.

A catástrofe nordestina de 1877 faz afluir para o Juruá levadas de retirantes que ali se fixam, dada a amenidade do clima e a quantidade impressionante de seringueiras e assim é criado naquele ano o distrito que recebeu seu nome.

O primeiro cobrador da Alfândega, sintoma de atividade econômica, mas também começo dos sofrimentos do contribuinte, aparece em 1879.

Daí por diante o povoamento e a civilização invadem definitivamente o rio caprichoso e em 1889, pela primeira vez, os peruanos mostram suas pretensões, atribuindo-se direitos sobre o Juruá e seus afluentes. Também pela primeira vez uma autoridade brasileira visita a região e investiga das andanças dos vizinhos bisbilhoteiros.

É quando aparece São Felipe, a maior povoação do interior do Estado, já como centro de negócios e base de concentração da goma elástica para sua descida em direção à Manaus.

Cruzeiro do Sul, mais tarde sede do Departamento do Alto Juruá, funda-se em 1895 e torna-se limite da navegação regular dos grandes gaiolas. Daí para diante somente os pequenos navios trafegam rumo ao Juruá-mirim, até fins de maio e às vezes vão mesmo ao Amônia. Passada essa época vem o verão, isto é, a vasante e então São Felipe se torna o término da navegação.

Apesar de suas inúmeras voltas, a ponto do rio ser uma verdadeira sanfona aquática, sua navegação é menos perigosa que a do Purús, pois não se encontram cachoeiras ou corredeiras de pedras. Até mesmo o tão citado Urubú-cachoeira, não é senão um desnível mais acentuado do rio. Mesmo assim, a falta de cartas ou roteiros seguros, exige praticagem constante, pois seus canais mudam todos os anos, mercê da maior ou menor enchente e do fenômeno da "terra caída", que cria os sacados e amplia as praias.

O sacado é uma espécie de retificação do curso da corrente e aparece de um ano para outro, através de um trabalho lento de destruição processado pela impetuosidade das águas atiradas de uma margem para outra, ao sabor da massa que se avoluma com a descarga dos afluentes superiores. Desfigura, portanto, o aspecto conhecido e obriga o prático ou navegador a procurar

o novo canal que se formou em consequência daquele fenômeno.

Divide-se o Juruá em três zonas perfeitamente definidas:

O Baixo-Juruá, que compreende o trecho da foz à confluência do Tarauacá, com 1.697 quilômetros de extensão; sua largura na foz é de cerca de 400 metros e no extremo deste trecho, ou no Tarauacá, de 150 metros. O lançamento deste afluente se caracteriza por um carregamento perigoso de materiais em suspensão, que atacam a configuração das margens do grande rio.

Até o Tarauacá a navegação é franca todo o ano, mesmo para os navios de grande porte.

Médio-Juruá se estende do Tarauacá ao Breu, com 1.277 quilômetros, diminuindo a largura para 90 metros na boca do afluente e a profundidade caindo a menos de uma braça, mesmo nas águas altas.

Alto-Juruá-do-Breu às nascentes do grande rio, nascentes determinadas pela comissão de reconhecimento chefiada, em 1905, pelo general Belarmino Mendonça e tem este trecho 308 quilômetros de singradura.

As características gerais do rio são as mesmas ao longo de todo seu curso, salvo a flora que muda, desde que se penetra nos afluentes extremos, onde aparece o caucho, desconhecido quase inteiramente até o Amônia.

Não é um rio atraente e muito menos com as belezas que em geral situam os rios do sul e mesmo alguns dos grandes formadores do Solimões.

Sua flora monótona, sem variação de cores ou de cenários, suas margens baixas, no curso inferior e daí para cima as barranqueiras que ameaçam ruir; suas águas sempre barrentas, não o tornam alegre ou mesmo curioso para os viajantes.

Não podemos compreender como Tavares Bastos achou-o um rio cheio de belezas; antes ficamos com Alberto Rangel, que o explorou até as alturas do Juruá-mirim e o descreve com tintas mais fortes, mas tôdas elas de cores sombrias e melancólicas.

A roupagem da cinta ribeirinha é no baixo e no alto Juruá quase a mesma: rasteira, falha e pobre nas beiradas de praias; densa e mais variada nos igapós, várzeas e firmes.

Nas praias dominam o murú, a embaúba de folhas prateadas e porte de girafa, que um dia talvez forneça a celulose de que tanto necessitamos, a frecheira, a canarana e as aningas.

Os igapós são o terreiro da oirana triste e queda sobre as águas, as maravilhosas vitórias régias, o esparramado camalote e a imensidade de pequenas algas, que flutuam como infundável lençol verde.

O igapó tem alguma coisa de sinistro e misterioso; é ermo, parado e lúgubre. Águas escuras, fundas e sonolentas. É o reino das febres; o viveiro de mosquitos e catuquís, os mais terríveis inimigos do homem na solidão das florestas.

A várzea é alegre, povoada pelas seringueiras, que constituem o iman para os nordestinos; pelo assacú, árvore de grande porte, cuja casca exsuda um leite cáustico e é armada de espinhos venenosos.

Na terra firme, a terra alta que domina o rio, a caminho para os grandes divisores, que terminam nos Andes, abundam as madeiras de lei, espalhadas sem qualquer aglomeração homogênea. Impressiona pela altura de sua copa gloriosa e pelo diâmetro de seu caule, a sumaúmeira, comum de mais de 40 metros de tópo; a maçaranduba, amiga do seringueiro, fornecendo-lhe madeira especial e combustível para a defumação da borracha; o acapú, das mais belas madeiras da flora brasileira; a paxiuba, dádiosa e elegante. Com ela o seringueiro e o cauchero constroem o lar humilde; ela lhes dá paredes e soalho, cobertura e os pilares para o arremedo de cais que protege a barranca onde finca sua moradia.

Na mata ciliar é comum o pau mulato, retilíneo e hierático; a itaúba, madeira especial para construção de canoas e montarias.

Valeria a pena falar na variedade extraordinária de parasitas que alegam o interior da floresta e dão

vida colorida ao silêncio, somente quebrado à noite pelos gritos dos animais, pelo esturro dos jacarés e o pio agoureiro dos corujões.

A fauna é a mesma do resto do Brasil, aumentada apenas pelas espécies típicas da região, ou melhor do lodacal amazônico.

Os símios vivem nos coatás, sensuais e preguiçosos; no guariba que tem no peito um tambor ambulante; no barrigudo, inteligente, amigo do homem, frágil e doentio; no macaquinho prego, sem vergonha e sabido e nesse macaco da noite, de olhos maravilhosos, inimigo número um do seringueiro, pois lhe rouba e espalha as tijelinhas de colhêr o latex.

A anta e a capivara, rastejam às margens dos rios e dos igapós; o queixada é mais ou menos abundante, sobretudo nos afluentes da margem esquerda, parecendo que descem das serras do Moa e da Lua; o cervo, o veado branco, a onça pintada, a parda, a puma ou saçarana, o maracajá e os caitetés, que fornecem carne fresca ao seringueiro sossegado ou ao cauchero nômade e destruidor.

O reino alado representa-se por alguns tipos desconhecidos no sul, tais a águia que gravita dos Andes, sobrevôa os altos rios cisandinos e volta aos seus píncaros nevados; o gavião real, formidável ave de presa, com seu magnífico penacho vermelho e seu peito branco encolorado de negro; o urubú-rei, também de grande envergadura de asas e cabeça emplumada. Nas praias vêm-se o jaburú, o solene e meditativo tuyuyú; o socó, sempre triste cismando no comer do dia seguinte; a cigana, de vôo alto e que ainda guarda nas azas os restos da garra do período pre-histórico; o martim-pescador, de bote seguro contra o peixe visado; o Tucano com a variedade de cores que o tornam tão belo apesar do bico desproporcionado.

Há mais o jacamin, tipo acabado do cortejador e adúlao; o mutum, a multidão de papagaios, araras e curicas; o pavãozinho, grande comedor de moscas e insetos; os co-

rujões sarcásticos; marrecas e patos bravos, que povoam os igapós e rincões de praias.

De vez em quando surge uma garcinha moura, que à tarde busca dormida no fundo dos igapós, como temendo a nostalgia da floresta fechada.

O rio está rico de chelônios; há ainda muita tartaruga, pois os caçadores de ovos e de tartaruguinhas não chegaram à região; o tracajá, de carne saborosa; o matamatá, horrível, de cabeça triangular, ornada de cornos; o jabotí, sem graça e alheio à lenda de sua viagem ao céu, ainda enchem as praias e os taboleiros.

Os jacarés povoam os lagos, vivem aos magotes nos igapós e são habitantes desagradáveis das praias, com grave prejuízo para a vida do peixe miúdo. Além do voraz papo-amarelo, que não raro atinge mais de três metros de comprimento, há o jacaré-tinga, pequeno e fugidio.

O Juruá é como os rios acreanos, muito pobre de peixes, que na época da friagem desaparecem por completo. Além do pirarucú, com seus olhos prismáticos, de animal paleozóico, há o jundiá, o tambaqui, magnífico, porém escasso; o tucunaré, que mais parece uma peça de arte e cuja carne suculenta é largamente procurada; o surubí, o bagre, o mandí, branco e saboroso; o curimatã, o peixe-boi, famoso de feio e raro; o puraquê, temido peixe elétrico; a piraíba, talvez o maior habitante dos rios da Amazônia; o bôto, responsável por muito descuido das caboclas donzelas.

E os insetos? Lá estão os mosquitos com sua coorte de carapanãs, que trabalham de dia e de piuns, que entram de serviço ao cair da noite; os maruins, pretinhos minúsculos, que deixam a pele da gente, vertendo sangue; o infame potó, a formiga tocandira, cuja ferroadá às vezes provoca febre; os bezouros de todos os tamanhos e as borboletas multicores, que embelezam as praias, esfusiam pelas florestas e se confundem com as flores silvestres das grandes árvores.

Por último vêm os batráquios e reptis; os sapos asquerosos; o gíá, turrão; o sapo verde, que mais parece um muiraquitã lendário. As cobras são pouco numerosas e não diferem das do sul, salvo a sucujú, formidável boa constrictor, de mais de seis metros, capaz de dominar um homem em seu laço tenebroso e sôbre a qual correm as mais disparatadas lendas.

Em toda nossa estadia no Juruá, raramente vimos índios.

As crônicas registram 49 tribus habitando suas margens, desde os mais remotos tempos. Entre elas os Jurimaguas e Jurunas constituíram as nações mais guerreiras do Amazonas, segundo R. Sampaio, em 1775.

Os Campas e Amahuacas habitam (tem seus tóldos) as cabeceiras do Amônia, do Breu e do Tejo. São agricultores; cultivam mandioca (yuca), mamão, milho, feijão e banana (platano). Suas mulheres são célebres pela beleza e porte senhoril e muitas das maiores guerras entre eles e os caucheros, romperam pelo rapto das donzelas feitos pelos grandes piratas de terra, que são os destruidores do caucho.

Os Nauas, outrora grandes guerreiros, ainda pervagam acima do Móa, no estirão que tem seu nome. Há ainda os aninauás; os canamaris; os catuquinas; os caxinauás e os periquitos, que encontramos uma vez, remando as ubás de um regatão peruano.

III

VIAGEM E ACAMPAMENTO

Na manhã de 9 de maio defrontávamos com o pórtico Colúmbia, na embocadura do Juruá e pósto fiscal do Estado do Amazonas.

Entrávamos no grande rio, cujas águas barrentas, ainda em plena paisagem da enchente, não ofereciam um panorama agradável.

Começava então nossa marcha para o desconhecido, pois não tínhamos quaisquer informações sobre o que ocorria na região cisan-

dina, dada como invadida e atropelada pelos peruanos:

Sabíamos que desde outubro de 1902, êstes se apresentaram hostilmente em frente ao Barracão Minas Gerais, no Amônia, em força de 20 praças do exército e 50 caucheros, armados de rifles. Os brasileiros resistiram e os adversários recuaram, instalando-se na boca do rio, em quartéis regulares.

Era tudo o que sabíamos, sem que desde então, nenhuma outra notícia mais positiva tivesse chegado ao conhecimento das autoridades militares de Manaus.

Tínhamos ordem de nos aproximar, tanto quanto possível, da zona perigosa, que se estendia para cima do Juruá-mirim.

Com essa finalidade, a viagem ia prosseguir rio acima, na esperança de que acontecimentos mais graves se precipitassem e nos fôsse possível regressar com a missão cumprida.

E os dias foram passando na sequência lenta e monótona de uma navegação sem atrativos, sob um sol candente e sem mesmo a glória dos horizontes coloridos de outros rios que já tínhamos percorrido. Sucediavam-se os barracões, apareciam os agrupamentos humanos, quase todos com o mesmo aspecto, como se fôsem estadias passageiras, de quem acantona para mais tarde continuar a viagem.

O chefe da Expedição nos reunia diariamente e fazia verdadeiras lições de seus conhecimentos de marcha semelhantes, que executara nas suas inúmeras aventuras guerreiras. Esboçava as linhas do Acampamento, e teríamos de construir; da maneira mais prática de abrigar a tropa e dos meios mais seguros de manter oficiais e soldados unidos pela disciplina e pelo sentimento do dever.

Enquanto isso íamos comendo as milhas da corrente amarela e alinhando números de seringais e núcleo de habitações. Desfilavam os nomes, uns visíveis na paxiúba junto à margem, outros em letreiros berrantes nos frontões dos grandes e luxuosos barracões dos magnatas e potentados famosos: Marary, do

coronel Hermelino Contreras, regatão de alto coturno, como magnífico navio trafegando o rio e colhendo borracha, caucho e plantas medicinais em troca de tudo, desde cachaça até o mais fino champagne francês. O coronel é um fidalgo; estivemos em seu solar e nos recebeu como um grão senhor medieval; têm outros seringais, todos providos de armazéns sortidos e acomodações para os trabalhadores. Bonfim, São Sebastião, Conceição do Raimundo, êste como amplo barracão construído no alto de uma verdadeira paliçada, foram avistados.

Continuava a sucessão de sedes de seringais, pois não há outra indústria na região, sinão a extrativa de goma elástica e de caucho, nos últimos afluentes do Juruá: Manichí, quase uma vila, como talvez umas doze barracas; Pixuna, barracão assobradado, coberto de telhas, com conforto acima de tudo o que podíamos sonhar; Paraná da Viúva, com escola freqüentada, no momento de nossa passagem por mais de cinquenta crianças.

Chegamos numa tarde sombria e carregada de nuvens, com todos os matadores de temporal desembaiçado, como são os que sopram das alturas andinas, ao seringal Santo Antônio do Chué, onde fôra assassinado, pouco antes, o seringalista José de Castro, com tais requintes de perversidade, que o crime abalou até a polícia de Manaus, já *calejada* de tais acidentes.

Seu irmão Ulisses, acusado de ter sido o mandante daquele terrível drama, foi logo após também eliminado, no seringal Assahy, pouco acima do Gavião.

Era a primeira noção das tragédias que encham as crônicas dos rios amazônicos, sobretudo o Acre e o Purús. O Juruá é apesar de tudo, o menos ensanguentado.

A 17 com quinze dias de viagem, aliás muito boa, salvo o excessivo calor, atingíamos a cidade de São Felipe, a maior e mais rica do Amazonas de então. Está alçada numa barranca que domina o rio, a 11 mi-

ilhas da embocadura do Tarauacá, o mais famoso afluente do Juruá.

O arremesso das enchentes está derrubando o maciço em que foi construída e dentro em pouco a rua principal terá desaparecido. Como tôdas as povoações do interior, é um amontoado de casas, em sua maioria de madeira, mostrando a pressa com que foram erguidas. Nada de urbanismo, de arruamentos regulares e de água encanada.

É uma espécie de refúgio dos seringueiros que vêm do interior e aqui encontram alguns recursos da medicina em voga: Painkiller — o matador; Maravilha curativa, que cura até *injúria*, alguns xaropes e pílulas de Ross, santo medicamento para todos os males. O comércio é vistoso, mas tudo pela hora da morte.

Sede do município e da Comarca, é um centro político importante e seu Superintendente, como se denomina o Prefeito, é irmão do Governador e tem voz no capítulo eleitoral.

O Dr. Atilio Nery, homem viajado e culto, nos recebeu com verdadeiro carinho e nos proporcionou a alegria de uma refeição de alimentos frescos e água de sabor agradável. A água de bordo é morna e salobra.

No dia seguinte pela manhã deixamos esse porto e rumamos para Cruzeiro do Sul, que é o ponto final da navegação neste fim de inverno.

Os seringais continuavam a aparecer com seus nomes ora estranhos pela originalidade, como Deixa Falar, Matamatá, Segura Botão; ora exprimindo tristeza e desalento, como Porto Mau, Destêrro, Monte Calvário e ainda como reminiscência de viagens ou saudade da civilização, de seus proprietários: — Washington, Buenos Aires, Friburgo, Mississippi, Belo Monte.

O Juruá estreita-se muito acima de São Felipe, assim como aumentam de maneira sensível as curvas e os canais fogem para a margem direita, onde a corrente se mostra menos violenta.

Transforma-se também o aspecto físico geral; as matas ciliares se tornam mais espessas e começam a surgir as grandes árvores protetoras das barrancas.

Espaçam-se as sedes dos seringais, que aliás são mais ricos e produtivos.

Encontramos à margem direita o Gregório, um dos grandes afluentes e três dias à montante, o Riosinho da Liberdade. Ali tem o coronel Carvalho, o velho Carvalho, (Francisco Freire de Carvalho), seu vasto e magnífico feudo. Vindo a bordo do "Lauro Sodré" e sabendo de nosso destino e das finalidades da Expedição, prontificou-se a auxiliar-nos em tudo o que estivesse a seu alcance.

No porto estava a lancha Lolô completamente equipada e ao lado o batelão Adolfo. Na certeza de que mal atingiríamos um ou dois dias acima de Cruzeiro do Sul, pôs à disposição de major Alcides aquelas embarcações, únicas capazes de subir até o Juruá-mirim, na época da vasante, já inexoravelmente em marcha.

E foi assim, graças ao patriotismo desse bom brasileiro, que tivemos a possibilidade, nem só de transportar, ao menos uma parte da tropa para o futuro terreno de ação, como nos comunicaram as autoridades militares, fazendo descer aquela embarcação até São Felipe.

Comandava a Lolô o piloto Sansão Ferreira Vale, bravo e profundo conhecedor do rio, que foi um precioso companheiro durante toda a longa duração da campanha.

Rebocando a lancha e seu batelão, o "Lauro Sodré", já rôncoiro e lerdão, mais demorado se tornou. Gastamos oito dias desde São Felipe até Cruzeiro do Sul.

Com mais de vinte e três dias de viagem ali chegamos e vimos a povoação que seria de início capital de Território do Alto Juruá e mais tarde apenas limite com o Estado do Amazonas.

Era aquilo apenas um logarejo onde reinavam a bondade e o espírito progressista do coronel Mâncio Rodrigues Lima.

Até hoje ninguém ainda escreveu sobre esse bravo nordestino, serenamente patriota e notavelmente empreendedor.

Seringalista, no período da miséria da Amazônia, lançou-se à agricultura e conseguiu, naquele êrmo perdido da floresta, fazer grandes plantações de café, cana de açúcar, feijão, arroz. Durante algum tempo, além de abastecer a região, ainda exportava para Manaus o excedente e assim contribuía para manter o Juruá livre da imensa desdita reinante em outras paragens.

Essa aura de trabalho, porém, não durou muito; um dia vieram os impostos pesados e os gravames dos institutos e lá se foram as lavouras tão duramente implantadas. E acabou-se o estímulo, extinguindo-se a coragem do homem que preparava o Juruá para os dias próximos do reerguimento da extração da borracha.

Levantamos ferro de Cruzeiro do Sul já na certeza de que a vasante não nos permitiria ir muito além; águas baixas, carregando madeiras e pondo à flôr os baixios areentos.

A bôca do Môa está apenas duas milhas daquela cidade e esse caminho tão curto, exigiu seis horas de viagem, tais os obstáculos opostos à navegação.

Era o fim de nossa aventura. Não era possível mais avançar, o rio estava tão razo e espalhado, que as hélices do "Lauro Sodré" giravam na lama e no lodo, enroscando-se nos camalotes.

Esse 28 de maio de 1904, era uma tarde escura, de nuvens enoveladas correndo para o norte, quando o comandante do vapor comunicou ao major Cipriano Alcides, que seu barco teria que voltar dali e o mais indicado era examinar a possibilidade de desembarque na ponta da margem direita do Juruá, face ao Môa, nas terras do seringal Invenível.

Combinou-se então, que na manhã seguinte, o capitão Avila e Silva e o chefe do serviço de engenharia, desembarcariam para tomar contato com o terreno.

E assim foi feito; procuramos o proprietário do seringal, Sr. Zeferrino Ramos, que a princípio se mostrou esquivo e atemorizado, mas finalmente nos proporcionou uma caminhada dura ao longo da margem alterosa do rio.

Do barranco elevado, desenhava-se o Môa ainda correntoso e ensombrado e abria-se um largo estirão para o norte, para o rumo que deveríamos tomar mais tarde. Era uma lombada corrida, numa nesga de terreno enxuto, coberto de vegetação espessa e numas aberturas a roça de bananeiras, mandioca e alguns legumes. A praia em baixo já se mostrava em grande extensão e nos facilitaria área para as hortas, que certamente o mulherio de bordo já sonhava abrir.

É nas praias que no verão se plantam desde o maxixe, até as magníficas melancias e os melões, que fariam inveja aos melhores importados.

A impressão que tivemos foi ótima, tanto mais que já poderíamos contar com o auxílio do seringalista, que nos forneceria os gêneros de primeira necessidade para os dias subseqüentes ao desembarque. Tínhamos fome de coisas frescas, de carne, de peixe e de alguns legumes que brotavam exuberantes nas roças visitadas.

Uma terrível empreitada nos amortecia a coragem e o entusiasmo naquele mundo novo e tantas vezes sonhado: a descarga dos dois avantesmas, que eram os pesados Krupp de 75 mm, que trouxemos como espantalho para os caucheros ousados.

A tropa ansiava por se ver em terra; por se ver livre da prisão que fôra o "Lauro Sodré" por quase quatro semanas; as mulheres e crianças clamavam pelo ar puro, pelas manhãs de liberdade para a lavagem de roupa e para a arrumação das barracas que devíamos armar ou construir.

Os oficiais não menos sentiam a necessidade de mudar de ambiente; de se ver desligados da espécie de comunismo forçado, da intimidade entediante e mal sã de tantos dias, com suas conseqüências desagradá-

veis para as disciplinas; das irritações, dos debates extemporâneos e das pequenas misérias que cada um carrega consigo. Não fôsse a energia serena e a tolerância humana do comandante e teríamos chegado ao destino, amuados e azucrinados uns com os outros.

A manhã do desembarque foi, pois, uma verdadeira alegria para todos; aquele barranco selvagem, onde apareciam as bananeiras gigantes, era uma terra de Chanaan, desconhecida, porém, esperada como acolhedora e benfazeja.

Organizamos uma primeira coluna de sapadores e de homens já treinados em expedições anteriores, para limpar o terreno, derrubar as árvores e capinar o terreno, que já tínhamos escolhido para o Acampamento.

Localizado bem em frente ao Môa, protegia-se do lado de cima por um pequeno igarapé de águas claras e frescas, que seria nosso reservatório. Para trás caía a lombada docemente para os seringais trabalhados e para eles traçamos uma larga estrada, de separação e ao mesmo tempo de proteção e defesa.

Na linha de frente foram armadas as barracas dos oficiais e nas extremidades as do major comandante, no flanco direito, desenhando o Môa e do capitão fiscal, no flanco esquerdo, repontando o grande estirão à montante do Juruá. Eram barracas de lona, ótimas aliás, de origem francesa, mas que dias depois já se tornavam insuportáveis pelo calor, deixando coar os raios solares.

Na segunda linha, ficaram em duas longas ruas, as barracas dos praças de pret, enquadradas pelos sargentos e na linha da retaguarda os fogos dos soldados casados ou semi-casados.

Pouco depois nos vimos obrigados a cobrir as barracas com folhas de palmeiras e plantar em torno trepadeiras de cores variadas, que abundavam na floresta.

Uma barraca especial, construída de madeira e coberta com telhas de paxiúba, foi construída para nela

funcionar o arremedo de hospital, que já se fazia necessário pelo aparecimento de alguns casos de malária e desinteria.

Em menos de uma semana tínhamos instalado a tropa e o Acampamento tomava o aspecto de pequena povoação limpa e sobretudo ordenada. Até mesmo um serviço rudimentar de esgotos e águas pluviais e de efluente de uma massa de mais de 300 pessoas, foi lançado à jusante das últimas barracas.

O grande problema que sempre nos tinha atormentado: a descarga dos célebres canhões, foi resolvido graças à cooperação do comandante do "Lauro Sodré", que permitiu o tambor de suspensão da âncora, funcionar como guincho para operar os cabos, que foram ligados a duas árvores, que ficavam próximas à barranca. Um plano inclinado foi preparado e assim os dois monstros rolaram até o alto, onde ficaram como cães de guarda, para amedrontar os possíveis inimigos.

O Acampamento tomou o nome de Vila Medeiros, em homenagem ao comandante do 1º Distrito Militar, que organizara a Expedição de maneira tão eficiente.

Passado o período de organização, entramos no regime militar de rotina e de tédio. Pela manhã exercícios e tarefas de limpeza do terreno em volta do Acampamento; à tarde leitura da Ordem e conversa na barraca do comando. A tropa ambientava-se aos poucos e mostrava disposição para a marcha, que devíamos empreender logo que as águas permitissem. Os exercícios de tiro feitos, em geral ao amanhecer, ganhavam em eficiência, assim como as marchas de treinamento pelas praias, únicos pontos possíveis de grupamentos maiores.

Entramos pelo mês de junho e tivemos que nos suprir dos gêneros que tínhamos trazido e com grande satisfação constatamos que feijão, tão fácil de bichar, arroz e carne seca, estavam em perfeitas condições.

Faltavam, porém, os legumes e foi quando vimos a magnífica colaboração das mulheres, que o coman-

dante tivera o bom senso de deixar prosseguir viagem naquela manhã de um mês atrás. Com as sementes escondidas semearam a longa praia do lado de cima e em começo de julho já tínhamos alguns dos elementos que hoje os médicos dizem essenciais à dieta.

Dai por diante, aos poucos, foram aparecendo maxixe, tomate, couve, alface e mais tarde, nas primeiras águas, melancias e melões.

E não era somente por esse lado que as humildes companheiras se tornaram ativas e úteis. O hospital era cuidado e limpo por elas, que preparavam a alimentação dos doentes e lhes lavavam as roupas. Moviam-se por toda parte, ora ajudando os oficiais na arrumação de suas moradias, já agora mais suportáveis, ora cuidando do galinheiro, que nos fornecia, uma vez por semana, ovos e galinhas.

Em fins de junho desceu do Juruá-mirim o engenheiro Alberto Rangel que ali se achava demarcando os seringais do tenente José Lucas Barbosa, um dos mais audazes desbravadores daquelas selvas. Soldado da guerra do Paraguai, imigrara de sua terra, o Ceará, numa das estiagens cíclicas e rumara para o Amazonas em busca da riqueza, que na época não era assim uma fantasia para os homens de sua coragem e inteligência. E fundou um verdadeiro Império naquele ôco do mundo. Rangel descia doente e nos conhecíamos de anos atrás, quando ele deixava o Exército, escrevendo um folheto célebre "Fora de forma", que causou sensação e protestos, aliás sem nenhuma justiça. Encontramo-lo em sua ubá e conseguimos que ficasse conosco na lancha, que era agora nossa casa e escritório.

Comunicou êle, então, ao comandante Cipriano Alcides, que os peruanos exerciam violências contra os brasileiros, tendo obrigado o comandante do vapor Costeira, que ficara retido no alto, a assinar letras para pagamento de direitos de mercadorias brasileiras, em trânsito pelo Amônia, território nacional invadido.

Doente, atacado seriamente de malária, Rangel permaneceu em nossa companhia quase uma semana e mais tarde, quando escreveu o "Inferno Verde" de tanta repercussão, conta no último capítulo, o encontro do engenheiro Souto, com o companheiro da Escola Militar. Os dois eram, êle e o autor desta narração.

Impressionado pelo que lhe referia Rangel, o major Alcides determinou que fizéssemos um reconhecimento até onde fôsse possível; até onde pudesse subir a Lolô, que assim iniciava sua carreira militar.

Tratamos de selecionar alguns homens já afeitos às campanhas do Acre e que mostrassem boa disposição de saúde, pois partíamos sem outros recursos senão uma pequena ambulância e alimentação suficiente.

Ao sair de Manáus, tomamos como bagageiro um soldado do 27º Batalhão, que era assinalado como cangaceiro, aprisionado de um bando que naquela época assolava o nordeste e tido como perigoso. José Miguel era seu nome; quando os companheiros souberam de nossa escolha, feita aliás por mero acaso, reagiram vivamente, por isso que não desejavam vê-lo na intimidade diária dos serviços de comunicações e engenharia.

Resistimos, porém, e ficou o ex-bandoleiro como uma espécie de auxiliar de campo, tendo no desembarque prestado bons serviços, por ser ao mesmo tempo diligente e saber ler e escrever.

José Miguel era o tipo clássico do nordestino: alto, de feições regulares, cabelos castanhos, pele clara, como guardando o estigma de seus antepassados semitas, que invadiram o nordeste no período colonial.

Originário da Paraíba, onde tinha roça, juntou-se ao cangaço para vingar-se de um chefe político local que metera seu pai na cadeia, por questões de terras. Essa foi a informação que obtivemos, quando o interrogamos depois das reclamações dos demais oficiais. E não tivemos motivos para duvidar de sua

veracidade, tal a dedicação, a bravura e o espírito de cordialidade humana que sempre revelou esse magnífico revoltado.

Conhecedor dos companheiros, respeitado pela soldadesca, encarregamo-lo de fazer a escolha necessária para o reconhecimento que íamos proceder e assim tivemos à mão, 15 homens nos quais poderíamos confiar.

Deixamos a Vila Medeiros em fins de junho e levávamos como missão atingir o mais alto possível no Juruá e buscar notícias, informações ou depoimentos do que se passava na região invadida pelas tropas peruanas.

Aproveitávamos um repique de rio, que subira nas últimas 24 horas e cujas águas possivelmente estivessem mais altas nos seus afluentes superiores. Viajamos todo o dia seguinte vingando o famoso estirão dos Nauas, longo de talvez umas dez milhas, quando à tardinha, quase ao lusco-fusco, avistamos, navegando rente à margem esquerda, algumas ubás grandes e visivelmente carregadas. Mandamos parar e chamamos à fala. Não atenderam; um tiro de sobreaviso foi disparado; nada. Então mandamos a lancha rumar para as mesmas, cortando-lhes o caminho.

Veio ao nosso encontro a ubá da frente, tendo a sua prôa um homem alto e espadaúdo, tipo estrangeiro, muito louro e bem tratado. Declinou chamar-se Francisco Gordon, ser regatão e descer do Vacapista trazendo mercadorias para vender aos seus freguezes, seringalistas no Juruá.

Eram cinco ubás, remadas por índios periquitos, abarrotadas de contrabando: peças de seda, chapéus do Chile, pijamas, lenços, botas, perfumaria ordinária e quinquilharia. Nem armas, nem munições.

Do interrogatório a que o submetemos, pouco conseguimos tirar: apenas vira na foz do Amônea, os quartéis peruanos e acreditava que ali se encontravam uns 50 homens, mas que não havia notícia de lutas e que os brasileiros continuavam a faina da safra de borracha.

Indagamos ainda como conseguira passar, desde que seus patrícios estavam tributando mercadorias brasileiras e impedindo a livre navegação por cima até o Breu? Respondeu-nos que nada mais podia informar, pois nem sequer fôra interrogado ao apresentar-se às autoridades de seu país.

Na tolda de sua ubá estavam cinco macacos moqueados, que despertaram a gula dos soldados, que lhe propuseram trocar os mesmos pelas suas rações de leite condensado e chocolate. E assim foi feito: por doze latas do primeiro e seis do segundo, recebemos os horríveis coatóis.

Não sendo possível deter o regatão, mandamos um cabo e dois soldados escoltá-lo até o comando, na boca do Móa.

Continuamos a viagem na manhã seguinte, mas apesar da lancha calar apenas dois pés e o prático conhecer bem o rio, não foi possível avançar senão umas quatro milhas. Lutávamos para encontrar caucheros ou seringueiros, que nos informassem do que se passava rio acima; talvez mesmo os primeiros tivessem contato com os invasores.

Nas barracas e toldos ficavam somente mulheres e crianças, que nada sabiam e mesmo amedrontadas não indicavam onde se achavam os homens, que certamente fugiam também dos soldados peruanos.

Com imenso sacrifício ainda tentamos navegar no terceiro dia; as águas, porém, eram cada vez mais baixas e os bancos de areia, à flor, impediam marcha segura ou sequer aventurosa.

Resolvemos voltar sem ter atingido o Juruá-mirim e por mais que interrogássemos as raras mulheres e um índio campá, nada obtivemos; nenhuma informação, nem mesmo de ouvir dizer.

Para evitar um encalhe de consequências desastrosas, pois a lancha se tornava necessária para as comunicações com São Felipe e para a retirada de oficiais e soldados doentes, regressamos ao Móa de mãos abanando. Era necessário esperar

o inverno, dentro de dois meses, para agir.

E recomeçamos a vida rotineira, quebrada pelas visitas freqüentes que fazíamos aos seringais Invencível e do Cruzeiro do Sul. Tivemos oportunidade de admirar a bravura silenciosa e estoica dos homens que naquela época faziam a riqueza do Amazonas. Estávamos em pleno fastígio da borracha, cujo preço era superior ao de hoje, se computarmos a paridade ouro da época com a desvalorização do cruzeiro.

Esperávamos a enchente para com ela receber notícias de Manaus e dos altos rios.

Nenhuma modificação nos quadros da Expedição, apenas alguns casos de malária ou recrudescimento de mazelas dos oficiais mais idosos, que se aprontavam para descer na primeira oportunidade.

Julho correu sem novidade maior, deslizando o tempo como se estivessemos alheios às voltas e reviravoltas do mundo. Éramos os exilados do Brasil dentro de suas fronteiras e era essa a situação de milhares de brasileiros, que todos os anos sofrem a mesma contingência.

Não sendo oficial de tropa, tínhamos mais oportunidade de que os outros companheiros, para melhor apreciar a terra, conhecer-lhe detalhes imprevistos e ver-lhe os panoramas com olhos de simpatia e emoção.

Seguíamos os seringueiros e tomávamos contato com uma sociedade à parte, misto da servidão do jujuk e da subordinação milenar do camponês de Portugal. Fomos muitas vezes companheiros e guarda-se grêdo de alguns daqueles bravos e estoicos desbravadores, que na sua corrida diária através das estradas incertas e mal traçadas, abertas na selva silenciosa e carregada de mistérios, sonhavam com a volta à terra estremecida, à contemplação de seu céu refletido naquele mar verde e bravo, que bate às costas de todo nordeste, à saudade da vida alegre e descuidada, que é o presente da natureza rica e dadivosa, quando não chega a seca destruidora, que escorraça os homens para o Ama-

zonas insaciável e destrói os lares humildes.

Vi o martírio da defumação, vi o homem chegar pelas últimas horas do dia, quando na aldeia de onde viera, batido pelo sofrimento, era o momento de tirar o chapéu de couro e fazer o sinal da cruz; vi-o fatigado, dolorido e anciado para um instante de descanso, curvar-se para o boião e iniciar esse trabalho demoníaco e martirizante, que é o da defumação do latex. Na barraca miserável, no tapiri esburacado, ele lutava para produzir o máximo, para tentar obter um saldo, que raras, raríssimas vezes conseguia.

Na minha perfeita ignorância das tradições que guiavam, na época, as relações entre patrão e seringueiro, eu me revoltava contra o que via, sem contudo afinar com outra solução menos tirânica e capaz de fornecer um mínimo de conforto moral e material àqueles patricios, que enriqueciam as duas grandes capitais, no apogeu de sua glória de metrópoles de uma matéria-prima, que já experimentava seus remígios poderosos para se tornar anos mais tarde, uma das mais terríveis armas da defesa econômica e nacional dos povos.

Era então o extrativismo na sua fase primária, no seu quase regime feudal, que em um século em nada se tinha adiantado ou progredido. Vinham as levar; o brabo à frente, saído de um fundo do Ceará ou Rio Grande do Norte, na esperança de ganhar o suficiente para volver no próximo inverno, como tinha acontecido a fulano ou sicrano, sem se lembrar que para esses dois, milhares não tinham regressado e lá estavam, nos socavões dos altos rios ou empanturrados de maleita e beriberi.

Falavam nos senhores que eram hoje os proprietários de rios e seringais famosos; falavam do tenente Barbosa, cearense destorcido, que imperava no Juruá-mirim ou no Carioca, que mandava lá pelos lados do Móa, mas emudeciam quanto aos milhares de outros, que jamais saldaram suas contas no barracão e se deixavam ficar no centro, raramen-

te vindo à margem e somente para entregar o fabrico e enterrar-se nas fôlhas de débito do livro do patrão.

Foi êsse companheirismo com o sofrimento, foi a presença dêsse drama, que tanto doía à minha inexperiência de mocidade, que me fizeram ligado por meio século à Amazônia, que agora parece despertar para vida melhor e mais segura, mesmo para o homem esquecido e heróico que é o seringueiro.

Seguiu-se agôsto com seu calor asfixiante, que nem mesmo a sombra das imensas sumaúmeiras, as mongubeiras famosas, que na estrada do Arsenal, em Belém, faziam a alegria e a admiração daquele inglês simples e amigo, que se chamou Bates davam refrigério ou suavisavam o mormaço duro e imóvel.

Da barranca do rio amarelo, que começava a receber as primeiras águas do alto, me lembrava das lendas do descobrimento do rio Amazonas, contadas em história por Gaspar de Carvajal, que em 1542 com seus companheiros, parou numa aldeia do grande rio para construir um bergantim e então foram ajudados pelos índios, que calafetaram o mesmo com algodão e betume com piche.

Êsse piche não seria o latex da seringueira ou o leite de sorva? Não seria essa a primeira aplicação da borracha no ciclo da civilização ocidental?

Por uma lancha vinda de São Felipe, chegou a notícia de que fôra assinado no Rio, o *modus-vivendi* com o Peru, em consequência do qual foram criadas as Comissões mistas de Reconhecimento do Purús e do Juruá, chefiadas a primeira pelo engenheiro Euclides da Cunha e a segunda pelo general Belarmino de Mendonça.

Na mesma ocasião foi assinada uma convenção de arbitramento para julgar as queixas e reclamações dos cidadãos dos dois países, pelos prejuízos sofridos nos mesmos rios, em seus mais altos afluentes, desde 1912.

Tivemos assim a sensação de que em breve, logo que as águas dessem navegação franca, viria a ordem de

descida para Manáus, uma vez que estava assegurada a paz entre os velhos amigos e vizinhos da região cisandina. E daí por diante foi um esperar diário, uma espécie de esperança material, misturada à tristeza que nos despertavam as cruzinhas brancas que já marcavam a selva pela dormida eterna de alguns companheiros.

O fato é que aconteceu o pior; alongou-se o dia da volta.

A 26 de setembro era prêso pelo delegado de polícia federal, coronel José Ferreira de Araujo, o cidadão peruano Carlos Scharff, que na bôca do Chandless confessou terem as forças do exército peruano invadido o território nacional, como meses antes previra o coronel Plácido de Castro.

Pouco tempo depois, em fins de outubro, chegaram à bôca do Môa, os vapores "Contreiras" e "Môa" e seus comandantes informados das violências que os esperavam, resolveram pedir garantias ao Prefeito do Departamento de Cruzeiro do Sul, já criado, coronel Taumaturgo de Azevedo, que resolveu agir.

Do nosso destacamento foi organizado uma expedição de 50 homens, sob o comando do capitão Avila e Silva, que seguiu no vapor "Môa" até a Praia do Feijão, próxima à embocadura do Amônia.

No dia 2 de novembro o capitão Avila intimou os peruanos a respeitar o *modus-vivendi*, que estava sendo violado com graves prejuízos materiais e de vidas para os brasileiros.

Os peruanos recusaram aceitar a intimação, mostrando desconhecer aquele acôrdo, no qual figurava como representante de seu país o embaixador Herman Velarde e dispuseram-se a resistir, impedindo a subida dos vapores citados.

Travou-se um combate de 22 horas devido às ótimas posições que ocupavam os inimigos, que afinal batidos, deixaram no campo 9 soldados mortos e 4 mulheres brasileiras, retidas como reféns.

Da força brasileira morreu um soldado e ficou gravemente ferido um sargento.

te vindo à margem e somente para entregar o fabrico e enterrar-se nas folhas de débito do livro do patrão.

Foi esse companheirismo com o sofrimento, foi a presença desse drama, que tanto doía à minha experiência de mocidade, que me fizeram ligado por meio século à Amazônia, que agora parece despertar para vida melhor e mais segura, mesmo para o homem esquecido e heróico que é o seringueiro.

Seguiu-se agosto com seu calor asfixiante, que nem mesmo a sombra das imensas sumaúmeiras, as mongubeiras famosas, que na estrada do Arsenal, em Belém, faziam a alegria e a admiração daquele inglês simples e amigo, que se chamou Bates davam refrigério ou suavizavam o mormaço duro e imóvel.

Da barranca do rio amarelo, que começava a receber as primeiras águas do alto, me lembrava das lendas do descobrimento do rio Amazonas, contadas em história por Gaspar de Carvajal, que em 1542 com seus companheiros, parou numa aldeia do grande rio para construir um bergantim e então foram ajudados pelos índios, que calafetaram o mesmo com algodão e betume com piche.

Esse piche não seria o latex da seringueira ou o leite de sorva? Não seria essa a primeira aplicação da borracha no ciclo da civilização ocidental?

Por uma lancha vinda de São Felipe, chegou a notícia de que fora assinado no Rio, o *modus-vivendi* com o Peru, em consequência do qual foram criadas as Comissões mistas de Reconhecimento do Purús e do Juruá, chefiadas a primeira pelo engenheiro Euclides da Cunha e a segunda pelo general Belarmino de Mendonça.

Na mesma ocasião foi assinada uma convenção de arbitramento para julgar as queixas e reclamações dos cidadãos dos dois países, pelos prejuízos sofridos nos mesmos rios, em seus mais altos afluentes, desde 1912.

Tivemos assim a sensação de que em breve, logo que as águas dessem navegação franca, viria a ordem de

descida para Manáus, uma vez que estava assegurada a paz entre os velhos amigos e vizinhos da região cisandina. E daí por diante foi um esperar diário, uma espécie de esperança material, misturada à tristeza que nos despertavam as cruzinhas brancas que já marcavam a selva pela dormida eterna de alguns companheiros.

O fato é que aconteceu o pior; alongou-se o dia da volta.

A 26 de setembro era prêso pelo delegado de polícia federal, coronel José Ferreira de Araujo, o cidadão peruano Carlos Scharff, que na bôca do Chandless confessou terem as forças do exército peruano invadido o território nacional, como meses antes previra o coronel Placido de Castro.

Pouco tempo depois, em fins de outubro, chegaram à bôca do Môa, os vapores "Contreiras" e "Môa" e seus comandantes informados das violências que os esperavam, resolveram pedir garantias ao Prefeito do Departamento de Cruzeiro do Sul, já criado, coronel Taumaturgo de Azevedo, que resolveu agir.

Do nosso destacamento foi organizado uma expedição de 50 homens, sob o comando do capitão Avila e Silva, que seguiu no vapor "Môa" até a Praia do Feijão, próxima à embocadura do Amônia.

No dia 2 de novembro o capitão Avila intimou os peruanos a respeitar o *modus-vivendi*, que estava sendo violado com graves prejuízos materiais e de vidas para os brasileiros.

Os peruanos recusaram aceitar a intimação, mostrando desconhecer aquele acôrdo, no qual figurava como representante de seu país o embaixador Herman Velarde e dispuseram-se a resistir, impedindo a subida dos vapores citados.

Travou-se um combate de 22 horas devido às ótimas posições que ocupavam os inimigos, que afinal batidos, deixaram no campo 9 soldados mortos e 4 mulheres brasileiras, retidas como reféns.

Da força brasileira morreu um soldado e ficou gravemente ferido um sargento.

E assim terminava com o derramamento de sangue amigo, uma contenda que só a obstinação de alguns elementos estranhos ao meio, tinha mantido por mais de dois anos, na esperança de conquistar as terras onde os brasileiros tinham plantado fé e trabalho.

Os peruanos retiraram-se e a força brasileira consolidou suas posições, ao mesmo tempo que anunciava, pelos navios que subiam, que os desbravadores, os pioneiros e aviadores, estavam livres das arremetidas brutais e contínuas dos invasores.

Quando chegou a notícia à foz do Mõa, àquele acampamento que desde maio acolhera a Expedição, já nêle havia um vasto claro causado pela morte de alguns e pela retirada de muitos, que buscavam em Maháus remédio para os males que na época ainda eram irremediáveis.

Todos os cuidados, tôdas as observações das ordens do médico não foram capazes de eliminar os efeitos terríveis da malária, que mais uma vez mostrava sua força devastadora; o beri-beri, menos encarniçado, ainda assim exigiu uma notável contribuição que se assinalava nas pobres e esquecidas sepulturas que pontilhavam para sempre o pequeno promontório face ao rio Mõa.

Concluída sua missão, o que restava da Expedição teve ordem de recolher-se à capital do Departamento, Cruzeiro do Sul, e ali foi ela dissolvida.

Meio século depois, talvez o único sobrevivente daquele grupo de soldados do Brasil, vem contar-lhes a história breve e humilde, história que honra as tradições de bravura e estoicismo de nossa gente que, nunca faltou ao Brasil nas horas graves e cruciais.

Hoje naquelas paragens, tão longínquas e misteriosas na época das

correrias e montoneras de caucheros e regulares peruanos, reina ainda um pouco do regime feudal, mas o avião e o rádio vão destruindo a distância e o tempo facilitando aos irmãos perdidos, nas selvas, o contacto com a civilização, que não se anuncia mais sômente pelas bugingangas dos regatões ou o contrabando dos aviadores peruanos, mas pela presença constante do Brasil através das asas do Correio Militar ou do som das transmissoras e difusoras.

Oxalá que a Valorização Econômica da Amazônia, criada pela contribuição generosa e humana de todo o Brasil, caminhe até ali e faça o milagre da ressurreição da fé e da Esperança.

Companhia Progresso Industrial
do Brasil

FÁBRICA BANGU

TECIDOS FINOS

EXIJAM SEMPRE A MARCA



QUE GARANTE:

Elegancia, Cores firmes e Durabilidade

(N. 5)